

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE I)  
16 e 28 de fevereiro de 2024**

**GÉNÉALOGIES D'UN CRIME / 1997  
(Genealogias de um Crime)**

*Um filme de Raul Ruiz*

Realização: Raul Ruiz / Argumento: Raul Ruiz e Pascal Bonitzer / Direcção de Fotografia: Stefan Ivanov / Direcção Artística: Luc Chalon e Solange Zeitoun / Guarda-Roupa: Thierry Delettre e Elisabeth Tavernier / Música: Jorge Arriagada / Som: Henri Maikoff / Montagem: Valeria Sarmiento / Interpretação: Catherine Deneuve (Jeanne/Solange), Michel Piccoli (Georges Didier), Melvil Poupaud (René), Andrzej Seweryn (Christian), Bernadette Lafont (Esther), Monique Mélinand (Louise), Hubert Sanit-Macary (Verret), Jean-Yves Gautier (Mathieu), Mathieu Amalric (Yves), Camila Mora (Soledad), Patrick Modiano (Bob), Jean Badin (o advogado), Brigitte Sy (Jeanne), Laurence Clément (Aline), André Engel, Bernard Pautrat e Messaoud Hattau (psiquiatras), Jacques Pieiller (empregado do café), Pascal Bonitzer (director da escola), etc.

Produção: Gemini Films – Madragoa Filmes / Cópia: digital (DCP) colorida, falada em francês com legendagem em português, 114 minutos / Estreia em Portugal: King, a 23 de Maio de 1997.

---

Nessa vastíssima filmografia composta por perto de cem títulos (entre curtas e longas metragens) os títulos mais recordados e celebrados – e também aqueles que mais fizeram pela glória de Ruiz – pertencem quase todos aos primeiros dez anos a seguir à chegada do cineasta chileno à Europa. **L’Hypothese du Tableau Volé** (1979), **Le Territoire** (1981), **Het Dak van de Valvis** (1982), **Les Trois Couronnes du Matelot** (1983), **La Ville des Pirates** (1984), **L’Eveillé du Pont d’Alma** (1985), e mais alguns outros, lançam as bases (e vistos de hoje, exprimem-nas perfeitamente) do núcleo de cinema de Ruiz, eventualmente desenvolvendo traços já delineados no seu “período chileno” (é o que podemos adivinhar a partir do conhecimento de uma obra como **La Expropriacion**, de 1972). Um entendimento tão livre quanto labiríntico da narrativa cinematográfica, um gosto pelo artificio artesanalmente sofisticado, um culto, às vezes na fronteira da auto-irrisão, das tramas altamente (e literariamente) referenciais, e uma queda para os paradoxos, filosóficos ou de outro tipo. Ruiz pratica um “cinema literário” nos antípodas de qualquer noção convencional de “cinema literário”, a maior parte das vezes misturando referências, alusões ou digressões (num registo que concilia a irrealdade do chamado “fantástico sul americano”, em sentido lato, com a gravidade descritiva ou introspectiva dos clássicos franceses, por exemplo, e ainda a riqueza de peripécias dos grandes romances de aventuras – como os de Stevenson, que fornece muito dos piratas que em mais do que um momento atravessaram o cinema de Ruiz).

Menos vezes ensaiou Ruiz a “adaptação” em sentido convencional – embora em anos recentes se tenha atirado a Proust em **Le Temps Retrouvé** e baseado **Les Ames Fortes** em Jean Giono, com resultados seguramente tão pouco convencionais como consensuais. É um dos (poucos) “pomos da discórdia” interessantes no cinema contemporâneo, esta falta de consenso no que toca ao Ruiz posterior aos seus célebres filmes de 70 e 80 entre aqueles que acham que o cineasta chileno andou anos a chover no molhado e os que lhe elogiam a incansável vitalidade criativa negada pelos primeiros. Não resolveremos aqui o dilema, deixamo-lo apenas assinalado.

Posto isto, **Généalogies d’un Crime**, filme a vários títulos “típico” do Ruiz tardio. Uma narrativa (e uma narração) que se aproximam da farsa intelectual, em moldes que apontam ou parecem apontar à auto-irrisão, ou pelo menos a uma longa sequência de piscadelas de olho ao espectador. Como uma espécie de “filme-gag”, que construiu e armadilhasse a “pista psicanalítica” por onde segue de princípio a fim, mas a fosse pulverizando à sua passagem – até ficar apenas, justamente, o absurdo e o “gag” elevado à duração de um filme inteiro. Pela sua matéria-prima – a psicanálise, entre a teoria e as pequenas/grandes rivalidades entre escolas e facções, encenadas como se de sociedades secretas se tratassem (a “Société Frano-Belge”...) – falou-se muito de Hitchcock e Buñuel a propósito de **Généalogies d’un Crime**, defendendo-se que o filme de Ruiz se inspirava, e de algum modo “relia”, o absurdo e o suspense de um e de outro cineastas (há uma vaga intriga policial a servir-lhe de fundo, de resto). Não é mal visto, e é até bastante possível que a ideia tenha passado pela cabeça e pelas intenções de Ruiz – para mais sendo o filme protagonizado por Catherine Deneuve, a mais “hitchcocko-buñueliana” das atrizes europeias. Sonhos, projecções, alucinações desdobramentos e dissoluções de personalidade – em chave e em mecânica altamente irónica, são estes os principais ingredientes do filme de Ruiz. Mas quase tudo se limita a ser um “macguffin”, ou quase tudo pode ser levado em conta de tal. Como se o “grande gag” de **Généalogies d’un Crime** fosse apenas o painel onde Ruiz se diverte a espalhar dúzias de “pequenos gags”. Diálogos, frases, alusões, e sobretudo personagens compostas com pormenorizado esmero – as alusões literárias que abundam no discurso do psicanalista Christian, a caspa que o seu principal rival (o impagável Michel Piccoli) constantemente sacode dos ombros. Como se fosse menos a narrativa, e mais o prazer da narração. Neste filme, esse prazer é especialmente evidente.

Luís Miguel Oliveira